

A PROSA POÉTICA DE CYRO DOS ANJOS EM *O AMANUENSE BELMIRO*: do lirismo à melancolia

Mestranda Keynesiana Macêdo Souza (UFRN)
Prof^a. Doutora Rosanne Bezerra de Araújo (UFRN)

Resumo:

*Este artigo apresenta uma análise preliminar da obra *O amanuense Belmiro* (1937), de Cyro dos Anjos (1906-1994), e se propõe a traçar algumas reflexões no tocante ao lirismo e ao tom melancólico que perpassam toda a narrativa desse livro ímpar no panorama literário brasileiro. Trata-se de um romance atípico dentro da ficção da década de 1930 por ser uma voz dissonante comparada às produções regionais e sociais da época. Sua temática mescla entre o homem e sua relação com a vida; a profissão e a arte; o presente e o passado; o amor e as frustrações. O texto é escrito em forma de diário e deixa transparecer uma linha tênue entre o memorialismo e a semiautobiografia. Sendo assim, focalizaremos a obra sob o aspecto de uma possível estética da melancolia, algo voltado para uma concepção de melancolia criativa.*

Palavras-chave: Cyro dos Anjos. Criação literária. Lirismo. Melancolia.

1 Introdução

Minha vida parou, e desde muito me volto para o passado, perseguindo imagens fugidias de um tempo que se foi. Procurando-o procurarei a mim próprio.

Cyro dos Anjos

Como romancista, Cyro dos Anjos despontou na literatura brasileira com a obra *O amanuense Belmiro*, publicada em 1937 em um momento em que se problematizava a realidade nacional, se discutia sobre temáticas que ressaltavam: a miséria, a fome, a seca, a paisagem, os costumes e, sobretudo, os tipos sociais brasileiros. Apesar de presenciar este período, seu romance não tem como preocupação primordial mostrar e retratar a sociedade por meio desses temas amplamente abordados no panorama da ficção de 30, mas tem a atenção voltada para o mundo interior do narrador-personagem, Belmiro Borba, por meio da escrita de suas memórias, partindo de suas reminiscências. Muito embora o crítico Luís Bueno (2006) ressalte em seu livro, *Uma história do romance de 30*, que “[...] é possível ler *O Amanuense Belmiro* como o livro mais imerso no presente imediato que a década de 30 já produziu.” (p. 551).

Candido (2004), em *Brigada Ligeira*, destaca a peculiaridade da narrativa produzida por Cyro ao afirmar que ele é “um homem culto”, um escritor “estrategista”, isto é, um “artista profundamente consciente das técnicas e dos meios do seu ofício, possuidor de uma visão pessoal das coisas, lentamente cristalizada no decorrer de longos anos de meditação e estudo” (p. 73). Já em seu livro *O discurso e a cidade*, Candido (2010) ratifica que o romance do autor é uma obra-prima da nossa literatura, é o diálogo entre o lírico e o

analista, e seu narrador-personagem possui uma sensibilidade que o faz oscilar entre o passado e o presente. Já Alfredo Bosi (1987) define *O amanuense Belmiro* como um romance de “educação sentimental”. Trata-se de uma obra em que o escritor narra “em primeira pessoa, menos a vida que as suas ressonâncias na alma de homens voltados para si mesmos, refratários à ação, flutuantes entre o desejo e a inércia, entre o projeto veleitário e a melancolia da impotência” (p. 172). De acordo com os postulados de Lukács (2000), entendemos que por ser esse um romance de teor mais introspectivo, o seu herói teria a “alma mais ampla”, ou seja, mais voltada para a reflexão, para a passividade do que para a ação. O herói moderno busca por si mesmo, semelhante a uma peregrinação para sua interioridade.

Sinto inutilmente, em mim, uma vaga nervosa que quer acudir ao apelo que a multidão dirige a cada unidade. Quero rir, chorar, cantar, dançar ou destruir, mas ensaio um gesto, e o braço cai, paralítico. Dir-se-ia que há em mim um processo de resfriamento periférico. Os outros têm pernas e braços para transmitir seus movimentos interiores. Em mim, algo destrói sempre os caminhos, por onde se manifestam as puras e ingênuas emoções do ser, e a agitação que me percorre não encontra meios de evadir-se. Reflui, então, às fontes de onde se irradia e converte-se numa angústia comparável à que nos provém de uma ação frustrada (ANJOS, 2006, p. 30).

A despeito de ser um livro que seguiu, segundo João Luiz Lafetá (2000, p. 31), uma “direção diferente” do que se publicava à época, alguns críticos, ainda na década de 40, já pontuavam como equivocadas as leituras que rotulavam esse romance como sendo de caráter genuinamente intimista, introspectivo. Leitores e críticos mais atentos às linhas e entrelinhas da narrativa, como Etienne Filho (1945), conseguiram perceber que tal obra também traça o retrato de um aspecto da vida nacional: o mundo pequeno-burguês.

Aparentemente, o seu livro não “participa”, não toma partido do povo [...] narra as desventuras de um pobre amanuense, cheio de dramas, às voltas com uma turma de literatos, amando a um mito, vivendo entre duas irmãs esquisitíssimas, escrevendo o seu diário lírico. De fato nada mais aparentemente gratuito, inócuo. Passando o tempo, porém, voltemos ao amanuense. Como resiste bem a estes nove anos de vida. Como encontramos ali uma sociedade, um clima. Como a “situação” histórica está fixada por processos sutis da arte. Em toda uma classe miseravelmente desamparada que é fixada em Belmiro. É todo um mundo pequeno-burguês que se move ao seu redor. O que há apenas é o seguinte: o livro não quis ser documental, não foi feito com a intervenção de servir para arte social, no mau sentido em que tomamos essa expressão. Como toda a grande obra, aliás, que quase nunca é feita com o caráter específico de documento, de prova, de testemunho, mas que, justamente por isto, fica como melhor documento, a melhor prova, o melhor testemunho¹.

¹ Citação retirada de artigo intitulado “Ao lado do amanuense” que foi publicado no jornal *O Diário*, de Belo Horizonte-MG, em 27 de outubro de 1945. Esse artigo encontra-se digitalizado nos anexos do livro de Brandileone (2010).

Porém, neste artigo, nosso foco não é classificar o romance de Cyro dos Anjos quanto ao seu teor social ou tentar fixá-lo dentro de uma estética literária, mas sim fazer uma leitura que propõe refletir sobre o narrador-personagem e seu contexto de vida perpassado pelo lirismo e pela melancolia de teor criativo presentes nessa narrativa, conforme discorreremos no tópico que se segue.

2 Belmiro Borba: a escrita de si perpassada pelo lirismo

Num momento em que a literatura brasileira reconhecia o romance social como modelo, surgia Cyro dos Anjos com sua prosa poética atípica dentro desse panorama da ficção nacional: Geração de 30. De acordo com Candido (2010, p. 74), *O amanuense Belmiro* é o livro de um “burocrata lírico”, “um homem sentimental e tolhido”, envolto por uma parcimônia em suas atitudes, o qual possui “excesso de vida interior” e escreve em seu diário suas histórias, pois “a expressão alivia ao mesmo tempo que excita” (ANJOS, 2006, p. 16). Essa obra apresenta nas entrelinhas aspectos da historicidade brasileira, configurando-se, portanto, em uma narrativa poética multifacetada, a qual traz um narrador-personagem também “múltiplo”, que no decorrer do texto se revela e se oculta deixando entrever a figura de um sujeito que vive em constantes oscilações, um ser fragmentado que tenta se “recompor”, se encontrar e se firmar a partir da arte, da construção literária. A literatura passa a ser encarada por seu protagonista, Belmiro, como uma forma de escapismo, de fuga e, sobretudo, de salvação.

O amanuense Belmiro está dividido em 94 capítulos curtos, em que o narrador-personagem registra de maneira subjetiva suas confidências e reflexões, transferindo para o papel alguns fatos, observações e sensações do seu dia a dia.

O enredo desse romance traz passagens do cotidiano de um homem comum, Belmiro Borba, funcionário público que exerce a função de amanuense (geralmente encarregado de copiar textos e/ou ofícios à mão), sonhador, tímido, solteirão, chega aos trinta e oito anos de idade e percebe que não fez nada de relevante e apreciável na vida. Possui grande capacidade de observar e analisar a si mesmo e aos outros, passando pela vida apenas como quem observa, contempla e não como quem vive. Tenta manter a turma de amigos unida, pois é com esse grupo que ele interage, toma chope e discute questões filosóficas: “Pus-me a andar na companhia de literatos e a sofrer imaginárias inquietações. Tive amores infelizes, fiz sonetos” (ANJOS, 2006, p. 22). Mora em Belo Horizonte com suas duas irmãs mais velhas (Emília e Francisquinha), mas cultiva as lembranças de sua infância em Vila Caraíbas, interior de Minas Gerais. Alimenta e idealiza amores não realizáveis, pois nunca revela seus sentimentos, não é um sujeito de ação, de atitude, então prefere refugiar-se nos seus sonhos a enfrentar a realidade.

O texto por ser escrito em forma de diário, deixa transparecer uma linha tênue entre o memorialismo e a semiautobiografia, pois Cyro foi um escritor que procurou estabelecer um amálgama da realidade de dentro com a de fora². É a partir da escrita do diário que Belmiro relata suas felicidades e tristezas vividas no presente e no passado, por meio de lembranças despertadas muitas vezes por um perfume, uma música ou um lugar:

Eu ia, atento e presente, em busca de um bonde e de Jandira. Foi só ouvir uma sanfona, perdi o bonde, perdi o rumo, e perdi Jandira. Fiquei rente

² Cyro dos Anjos em entrevista feita por Edla Van Steen no ano de 1982.

do cego da sanfona, não sei se ouvindo as suas valsas ou se ouvindo outras valsas que elas foram acordar na minha escassa memória musical. [...] mas bem percebi que os passos me levavam, não para o cotidiano, mas para tempos mortos.

[...]

Vejo que, sob disfarces cavilosos, o presente vai se insinuando nestes apontamentos e em minha sensibilidade, e que o passado apenas aparece aqui e ali, em evocações ligeiras, suscitadas por sons, aromas ou cores que recordam coisas de uma época morta (ANJOS, 2006, p. 27-34).

São recordações de amores antigos, de situações passadas que surgem o tempo todo no dia a dia, na rotina, nos pensamentos e reflexões de Belmiro como tentativa de fuga da vida presente, como subterfúgio a não adaptação ao seu mundo externo.

O gênero diário é a forma preferida dos tímidos e introspectivos. Tal escolha de gênero como forma de relato, deixa evidente não só a quebra da narrativa, mas também a própria desintegração do “eu” do narrador-personagem. Com isso, percebe-se ainda a escrita de si como sintoma da época, pois na narrativa do século XX temos a problematização do “eu” e a fragmentação do enredo como pontos marcantes.

Encontramos, nesses romances do século XX, personagens e narradores errantes, imersos na solidão, e o ato de narrar surge em oposição à morte, como uma luta contra a morte. No caso de Belmiro a escrita aparece como exame de consciência, vida interior que se projeta no diário. A ação é apenas reflexiva e, dessa forma, um tempo anterior, remoto ou imediato, é observado e analisado pelo Belmiro que escreve. Ele é um homem de pensamento, arrastado pelos acontecimentos, mas tem essa capacidade de se olhar, de se analisar. Podemos perceber tais apontamentos no trecho que segue:

Eis que o amanuense é um esteta: ao passo que há nele um indivíduo sofrendo, um outro há que analisa e estiliza o sofrimento. Talvez fosse preferível ingerir certo vinho capcioso e, sem nenhuma análise, entregar os sentidos à doce música da *Bayadera*, que a radiola derrama no ar. Mas o homem espia o homem, inexoravelmente (ANJOS, 2006, p. 29).

No decorrer da narrativa percebemos a necessidade que o amanuense tem em transpor para o papel seus sentimentos, suas inquietações e seu desejo de encontrar sentido na vida pelo viés da literatura, por meio da escrita de si. Desse modo, o passado se deixa entrever através de imagens fugidias e, assim, Belmiro põe-se a “[...] procurar as sombras de um mundo que se perdeu na noite do tempo” (ANJOS, 2006, p. 94).

O narrador-personagem escreve um livro porque está grávido de experiência de vida, por perceber que esta é uma forma possível de sublimação, de atingir a transcendência. Lembro aqui as palavras do poeta Fernando Pessoa: “A literatura, como toda a arte, é uma confissão de que a vida não basta³”. Nessa atmosfera de criação artística, é o próprio Belmiro quem relata seu estado de gravidez literária:

Sim, vago leitor, sinto-me grávido, ao cabo, não de nove meses, mas de

³ PESSOA, Fernando. **Heróstrato e a Busca da Imortalidade**. (coleção Obras de Fernando Pessoa). Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.

trinta e oito anos. [...] sou um amanuense complicado, meio cínico, meio lírico, e a vida fecundou-me a seu modo, fazendo-me conceber qualquer coisa que já me está mexendo no ventre e reclama autonomia no espaço (ANJOS, 2006, p. 25).

O crítico Silviano Santiago (2006, p. 15), deixa claro que: “Em aparente alheamento ao que se passa ao redor e no mundo, a escrita de Belmiro – ou seja, a realidade estruturada simbolicamente na folha de papel – representa e elabora sensível, metódica e inconscientemente o drama humano, que não tem solução, e jamais terá”. Assim, os conflitos do amanuense também são os conflitos e questionamentos filosóficos que inquietam todos nós seres humanos.

O narrador ressalta ainda a relevância que tem seus escritos ao dizer que “Este caderno, onde alinhio episódios, impressões, sentimentos e vagas ideias, tornou-se a minha própria vida, tanto se acha embebido de tudo o que de mim provém e constitui a parte mais íntima de minha substância” (ANJOS, 2006, p. 95).

Em virtude do teor composicional da obra em análise, dessa necessidade da escritura de si, não poderia ser diferente o fato de esse romance assumir um tom poético, por vezes, lírico em muitas passagens da narrativa. Sendo assim, o fenômeno poético, especificamente o lírico, encontra-se entrelaçado com a prosa; logo, é possível detectar vários recursos próprios da poesia espalhados ao longo da narrativa, como metáforas, prosopopeias, comparações, rimas e outros, compondo, desta maneira, uma prosa poética.

Entendemos que uma narrativa apenas de cunho tradicional não daria conta das questões mais profundas do narrador-personagem, Belmiro Borba, e, por este motivo, o texto se encontra pulverizado pelo tom poético. Contudo, não se trata somente de poesia comum, mas de poesia lírica, porque esta se constitui, por meio de imagens, metáforas e símbolos, uma via direta entre a parte mais abismal do ser e a exteriorização de emoções, sentimentos, receios.

Já estava palmilhando a terra vaga do sono, para frente, para trás, segundo a luta surda que se trava em nós, entre uma parte do eu, que aspira ao abandono, e outra que contra ele reage, talvez pelo receio inconsciente que inspira o adormecer, imagem da morte; ganhava-me o corpo uma doce lassidão, e o espírito se ia contagiando do torpor que afrouxara os nervos; apenas impressões vagas, prestes a se apagarem, me vinham das coisas, e a uma reminiscência tênue, quase a esvaecer, reduzia-se esta lembrança permanente com que, no estado de vigília, a memória sustenta, a cada instante, nossa precária unidade psíquica, ligando o momento que passou ao momento presente (ANJOS, 2006, p. 23).

O amanuense Belmiro percorre esse caminho do poético, do lírico, uma vez que deixa evidências em sua narrativa de marcas da musicalidade e das imagens poéticas para expressar os sentimentos, sensações e anseios imaginários do narrador-personagem.

Depois de ter andado inquieto como uma galinha sem ninho (já viram uma galinha desalojada do ninho? Como cacareja aflita, sem encontrar lugar no espaço!), pus-me a pensar no permanente conflito que há em mim, no domínio do tempo. Se, a cada instante, mergulho no passado e nele procuro uma compensação, as secretas forças da vida trazem-me de novo à tona e encontram meios de entreter-me com as insignificâncias do

cotidiano. Pelo oposto, é comum que, quando o atual me reclama a energia ou o pensamento, estes se diluam e o espírito se desvie para outras paisagens, nelas buscando abrigo. Tais solicitações contrárias, em luta constante, levam-me às vezes a tão subitâneas mudanças de plano, que minha vida, na realidade, se processa em arrancos e fugas, que se confunde no tempo e no espaço (ANJOS, 2006, p. 26-27).

O uso de metáforas e comparações, “[...] andado inquieto como uma galinha sem ninho”, também fazem parte da composição textual auxiliando no tom poético da obra. Com isso, notamos que a poesia espraia-se na prosa, porém, para que esta se torne lírica é preciso vir à tona o eu-poemático, ou seja, os sentimentos e emoções do personagem.

3 O Amanuense Belmiro: sob o prisma da melancolia

À guisa de uma conceituação introdutória ao tema, entendemos que a abordagem da melancolia remete a diferentes apontamentos de cunho literário, alegoria iconográfica ou ainda concernente ao relato médico, sendo que cada um desses registros encerram em si mesmo um modelo dinâmico de explicação da doença ou do temperamento (LAMBOTTE, 2000). Ao longo da história, desde a Antiguidade, a melancolia assumiu várias definições: sob o signo de Saturno sempre esteve relacionada à ideia de sombra, morbidez, tédio sem fim, tristeza, morte, angústia inexplicável, *acedia*, *spleen*... Porém, não ficou presa a esses rótulos e, rompendo as barreiras do tempo, passou a ser encenada a partir de concepções de ordem filosófica, artística e também biológica. De acordo com os estudos de Scliar (2003), os distúrbios mentais, tratados pelos médicos hipocráticos, são provocados por um tipo de temperamento, a saber: a) **Sangue** – sanguíneo: feroz, agitado; b) **Linfa** – fleumático: apático, sem vida; c) **Bile amarela** – colérico: ira e d) **Bile negra** – melancólico: tristeza profunda.

A melancolia é associada ao planeta Saturno que, por sua vez, era superior aos outros por se encontrar em posição mais elevada no firmamento. Conhecido como “demônio das antíteses”, influenciava “o aparecimento ora da preguiça e da apatia, ora da inteligência e do êxtase” (TEIXEIRA, 2004, p. 394). Essa grandeza que o tornava extremo foi relacionada à *bile negra* que, oscilando entre graus intensos de calor e frio, provoca reações de desequilíbrio, e ao deus Cronos por seu poder de criar e destruir. Unidos, eles resultam nos excessos sentimentais dos melancólicos, como solidão ou tristeza profunda, aversão aos homens ou à sociedade, e medo. Afastando-se dos padrões “normais” da sociedade, resta-lhes o isolamento do mundo.

Tempos depois a melancolia passa a ser a inspiração, em várias partes do mundo, para letras de canções, peças teatrais e obras de ficção. Com isso, esse tema adquiriu uma “aura artística”, indo ao encontro do pensamento aristotélico que entende a melancolia como algo que torna os homens excepcionais por natureza, e não por doença; por isso, está ligada à genialidade e à loucura. Aristóteles eleva e enaltece a condição melancólica que, para ele, é um “instrumento de precisão extrema da sensibilidade”. Ao passo que desordena os pensamentos e sentimentos, que os torna exacerbados, também conduz o sujeito a “sentir, pensar e contemplar de modos que, em condições equilibradas, não seriam possíveis” (GINZBURG, 2001, p. 106). A percepção torna-se aguçada, incomum, o sujeito sente-se capaz de ultrapassar limites, ir além da exatidão proposta por algumas ciências, o que, para Aristóteles, são fatores determinantes que aproximam a postura melancólica da filosofia.

Os artistas passam, então, a sofrer de melancolia, mas essa se manifesta de forma

diferente da que ocorre com as pessoas “comuns”. A percepção dos seres melancólicos na arte os torna geniais, um ser “anormal”. O gênio tem um temperamento metafórico que propicia as criações filosóficas, poéticas, artísticas. Porém, sofre com a solidão, o isolamento do mundo à sua volta. Vive em uma espécie de mundo particular, impenetrável. “Esse talento os arrebatava e os conduz como um ‘barco sem lastro’, na expressão de Sócrates” (SCLIAR, 2009, p. 5).

Sob a ação da *bile negra*, o melancólico acaba se frustrando por perceber que as limitações da vida o impedem de avançar, tornam-no um ser impotente. Toda a sua capacidade superior de ver e sentir as coisas ao redor se restringe devido o pensamento ordenado. É a precisão do conhecimento que impede de ir além da normalidade. “O melancólico vê o conhecimento ordenado como ineficiente para seus propósitos” (GINZBURG, *idem*).

Na narrativa de *O amanuense Belmiro* percebe-se que o sujeito lírico se entrega à reflexão, que é a imagem exemplar da vocação meditativa do melancólico, sendo assim, o homem melancólico é dotado de certas capacidades, tais como: sensibilidade poética e inclinação filosófica. Aqui convém lembrar o questionamento feito por Aristóteles (1998, p. 7): “Por que todo ser de exceção é melancólico?”. No caso do narrador-personagem, Belmiro, o mesmo sofre de uma melancolia transformada em literatura.

A variação violenta dos quadros, numa noite de carnaval em que fomos abandonados pelos amigos e em que nossa porção de espaço foi invadida por outros seres, leva-nos a um mergulho mais profundo nos nossos abismos. Novas melancolias são despertadas, o homem sofre, e o amanuense põe a alma no papel (ANJOS, 2006, p. 30).

Aliada a esta ideia de criação literária, ou seja, da vida transformada em escritura a partir de um estado melancólico, é que o romance em estudo pode ser analisado sob o aspecto de uma possível *estética da melancolia*, algo voltado para uma concepção de *melancolia criativa*, tão difundida por Walter Benjamin (2011).

De acordo com Lambotte (2000, p. 57), “[...] a melancolia representa a um só tempo a fatalidade do destino para a presa que ela devora e a fonte de inspiração privilegiada para o criador que consegue dominá-la”. Porém, nos deparamos com os seguintes enigmas: “haveria várias melancolias para que uns a sofram e outros a fecundem? Poderíamos falar de uma sublimação da melancolia? E, se o admitirmos, poderíamos falar de produções propriamente melancólicas? São questionamentos que ainda não têm respostas claras e definidas, no entanto, alguns estudiosos sobre o assunto traçaram caminhos possíveis de serem trilhados e analisados. Aqui, em virtude da brevidade do texto, veremos apenas algumas características do indivíduo melancólico que estão presentes no personagem Belmiro Borba, na escritura do seu diário, ou seja, na tessitura do texto cyriano.

Conforme Freud (2011), em *Luto e melancolia*, esta última corresponde, afetivamente, ao “anseio por alguma coisa perdida”. Seria um estado de luto de si mesmo, em presença do narcisismo; um estado de desânimo, de desinteresse pelas coisas do mundo.

Habituei-me a uma paisagem confinada e a um horizonte quase doméstico. No seu âmbito poucas são as imagens do presente, e muitas as do passado. E se tal vida é melancólica, trata-se de uma sorte de melancolia a que meu espírito se adaptou e que, portanto, não desperta novas reações (ANJOS, 2006, p. 30).

A partir do trecho acima podemos observar esse estado de desânimo e confinamento de Belmiro, sendo que sua “sorte de melancolia” está voltada para o ato imaginativo, para a contemplação, pois “É por excesso de pensamento que o melancólico se desgarrá, é por excesso de imaginação que ele não é mais senão ruína interior” (LAMBOTTE, 2000, p. 47).

Os dias de festa coletiva, introduzindo o elemento multidão na minha esfera e propondo-me novos espetáculos ou novas sugestões, interrompem o equilíbrio do meu pequeno mundo e nele vêm produzir desnivelamentos que suscitam mais fundos movimentos interiores (ANJOS, 2006, p. 29).

Já Aristóteles (1998), em *Homem de gênio e a melancolia*, vê a melancolia como um “estado de exceção”, responsável por capacidades distintivas, que leva a compreensão de que existiria uma ligação entre a postura melancólica e o pensamento contemplativo necessário para a filosofia. Também nessa linha de pensamento, Benjamin (2011) contribuiu de forma relevante à teoria da melancolia em seu estudo sobre *Origem do drama trágico alemão* – entre outros pontos, ele destaca a disposição do melancólico para a contemplação.

Nesta noite de quarta-feira de cinzas, chuvosa e reflexiva, bem noto que vou entrando numa fase da vida em que o espírito abre mão de suas conquistas, e o homem procura a infância, numa comovente pesquisa das remotas origens do ser.

Há muito que ando em estado de entrega. Entregar-se a gente às puras e melhores emoções, renunciar aos rumos da inteligência e viver simplesmente pela sensibilidade – descendo de novo, cautelosamente, à margem do caminho, o véu que cobre a face real das coisas e que foi, aqui e ali, descerrado por mão imprudente – parece-me a única estrada possível. Onde houver claridade, converta-se em fraca luz de crepúsculo, para que as coisas se tornem indefinidas e possamos gerar nossos fantasmas. Seria uma fórmula para nos conciliarmos com o mundo (ANJOS, 2006, p. 33).

O estado de contemplação, de entrega e reflexão é uma constante no personagem Belmiro, e, aliada a esses atos, identificamos sua sensibilidade aguçada. Outro detalhe a ser ressaltado é essa preferência que ele tem pela luz do crepúsculo ao invés da claridade, algo que nos remete ao melancólico na sua necessidade de se fechar, de voltar-se para o seu “eu”, para as questões interiores, para sua solidão, entendendo que o conciliar-se com o mundo é conciliar-se consigo mesmo.

A inquietude de Belmiro reside também no fato do mesmo não ter aptidão para realizar algo de concreto na vida, por não agir, uma vez que a inércia o domina: “Hoje reajo, amanhã me abandono (pergunto-me se a vida vale tantas renúncias), e afinal me desloco” (ANJOS, 2006, p. 57), e, mesmo tendo consciência dessa não-ação, ele não consegue ser vigoroso, ativo, isso o faz se queixar e se punir, principalmente, por não ter honrado o sobrenome da família Borba: “Onde estão em mim a força, o poder de expansão, a vitalidade, afinal, dos de minha raça? O velho Borba tinha razão, do ponto de vista histórico: como Borba, fali. [...] Neguei as virtudes da estirpe. Sou um fruto chocho do ramo vigoroso dos Borbas, que teve seu brilho rural” (ANJOS, 2006, p. 21). Isso evidencia

que “A maturidade e o conhecimento adquiridos pela Melancolia caracterizam uma intuição bem intelectual que pode ser fonte de pensamento, mas não de ação” (LAMBOTTE, 2000, p. 48); é o que ocorre com esse narrador-protagonista, não sendo à toa a ocorrência de que o capítulo 3 do livro é intitulado de “O Borba errado” e o 17 de “Que os Borbas me perdoem”.

Desse modo, Lambotte (2000, p. 49) ainda nos esclarece:

O que, no momento de agir, quando todos os elementos de decisão foram minuciosamente considerados pela reflexão e os instrumentos reunidos demonstram a justeza do pensamento, segura o braço estendido da Melancolia para fazê-lo recair numa pesada inércia? [...] Parece que o excesso de investigação intelectual anula o desejo de agir, como se o interesse bruscamente não se fizesse mais sentir, como se uma última reflexão tivesse intervindo para derrubar o edifício pacientemente elaborado.

É importante ressaltar também a linha de estudo de Julia Kristeva (1989), em *Sol negro: depressão e melancolia*, na qual acredita que para o melancólico a perda é intolerável e o leva a um “estado limite”, sendo que no seu entender só o melancólico nos mostra a face verdadeira e, às vezes insuportável, de nossos valores.

De acordo com a filosofia de Aristóteles (1998), a relação existente entre melancolia e genialidade se constitui por uma mescla entre sensatez e loucura. A conjectura aristotélica comporta a ideia principal do conceito de melancolia criativa, pois ela evidencia o comportamento do melancólico como aqueles indivíduos que se mantêm, ao mesmo tempo, impulsionados pela atitude criativa ao passo que se direcionam aos abismos mais profundos do ser humano.

Há dois meses comecei a registrar, no papel, alguns fragmentos de minha vida, e noto agora que apenas o faço em datas especiais. Encontro uma explicação plausível: minha vida tem sido insignificante, e no seu currículo ordinário nem faz, realmente, por onde eu a perceba. [...] vou traçando quase que despercebidamente minha curva no tempo (ANJOS, 2006, p. 29).

Belmiro Borba está inserido dentro desse comportamento melancólico, pois mescla entre uma vida transformada em transbordamento da criatividade – produção literária, e suas questões existenciais: a procura da pertença, a incompletude do ser e sua falta de solidez para com os atos cotidianos, com os amores, enfim, para com a vida.

Conclusão

Este estudo teve o objetivo de fazer uma leitura do romance *O amanuense Belmiro*, buscando mostrar que além dessa obra possuir um tom melancólico, trata-se de uma narrativa inebriada pelo lirismo, pela solidão e pela mediocridade da existência. É um livro perpassado pelo contexto caótico da modernidade, ocasionando uma falta de equilíbrio do narrador-personagem que se encontra mergulhado em seu mundo de fantasias, de imaginação ou nas memórias, nas lembranças do passado; pois essa obra traz em seu escopo a preocupação com o elemento homem e seus mistérios.

O personagem Belmiro Borba traz à tona a questão dos desajustes da vida moderna,

do sujeito (personagem) perdido, que não acha soluções, que não encontra o caminho, sendo o mesmo mais de reflexão do que de ação, em que o sentido de sua existência passa a residir na própria escrita, sendo o ato de escrever impulsionado por uma melancolia criativa. Diante do exposto, percebemos que a vida desse protagonista só encontra sentido no processo de escritura do seu diário, sendo a literatura sua fuga e seu refúgio, uma vez que “A verdade é severa, às vezes triste, em geral melancólica” (KRISTEVA, 1989).

Referências Bibliográficas

- 1] ANJOS, Cyro dos. **O amanuense Belmiro**. São Paulo: Globo, 2006.
- 2] ANJOS, Cyro dos. Cyro dos Anjos. In: STEEN, Edla Van. **Viver & escrever**. Porto Alegre: L&PM, 1982. p. 16-20. Entrevista concedida a Edla Van Steen.
- 3] ARISTÓTELES. **O homem de gênio e a melancolia: o problema XXX**, I. (Trad. do grego – Alexei Bueno). Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998.
- 4] BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. (Trad. João Barrento). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- 5] BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1987.
- 6] BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- 7] CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- 8] _____. **Brigada ligeira**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- 9] ETIENNE FILHO, João. Literária. **O Diário**. Belo Horizonte, 28 dez. 1957.
- 10] FÁVERO, Afonso Henrique. Conversa com Cyro dos Anjos. In.: _____. **Scriptoria III: Ensaios de literatura**. Natal: EDUFRN, 2008.
- 11] FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- 12] GINZBURG, Jaime. Conceito de melancolia. In: Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. **A clínica da melancolia e as depressões**. Porto Alegre: APPOA. N°. 20, 2001.
- 13] KRISTEVA, Julia. **Sol negro: depressão e melancolia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- 14] LAFETÁ, João Luiz. Modernismo: projeto estético e ideológico. In: **1930: a crítica e o Modernismo**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- 15] LUKÁCS, György. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- 16] PESSOA, Fernando. **Heróstrato e a Busca da Imortalidade**. (coleção Obras de Fernando Pessoa). Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.
- 17] SCLIAR, Moacyr. **Saturno nos trópicos: a melancolia européia chega ao Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- 18] TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. Resenhas de livro: **Saturno nos trópicos: a melancolia européia chega ao Brasil**. In: Revista Mal-estar e Subjetividade. Fortaleza. Vol. IV. N°. 1. 2004.